

---

# Apresentação

**Há temas que nunca saem da pauta intelectual.** Um século de pesquisas sobre os fenômenos de comunicação trouxe muitas hipóteses e poucas certezas. Em certo sentido, obviamente, esse é o cotidiano das ciências. Por outro lado, é preciso que algumas hipóteses se transformem em boas certezas provisórias. Alguns teóricos contentam-se em multiplicar as perguntas. Outros, repetem as mesmas respostas certos de que dessa maneira elas se tornarão convincentes. No fundo, as duas questões centrais permanecem: o que a mídia faz com a gente? O que a gente faz com a mídia? O sociólogo Michel Maffesoli anda por outros caminhos que talvez produzam outras perguntas e respostas. Alguns querem expulsar os bárbaros. O que fazer quando os bárbaros somos nós? Eis uma questão de cultura.

Nas práticas profissionais, a barbárie tem suas especificidades. Daí, quem sabe, o tema de Emerson Cervi e Ana Paula Hedler: “Como os jornais brasileiros dão visibilidade a temas públicos: uma análise comparativa sobre os assuntos que ocupam as manchetes de periódicos diários de circulação local, regional e nacional”. O olhar do leitor comum flagra muitos preconceitos embutidos em textos que continuam apostando na controvertida imparcialidade. Vale conferir também “Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena”, estudo de Iluska Coutinho e Jhonatan Mata. Tudo depende de estratégias, de escolhas, de jogos sociais e de relações baseadas em hierarquias? Sérgio Luiz Gadini embrenha-se nesse universo complexo com “Desafios de pesquisa em Jornalismo Cultural: estratégias metodológicas para compreender os processos editoriais no campo cultural”.

Esse é um campo de enormes disputas e muita desconfiança. O espaço cultural parece muitas vezes ser o terreno por excelência da convivência. Há quem veja nessa área do jornalismo um troca-troca despudorado entre mídia e empresas poderosas, ou a mídia como mero veículo da indústria do entretenimento e do espetáculo. Pode ser do jogo. O jornalismo fala de um mundo que ajuda a designar. É o que se vê no texto de Klondy Lúcia de Oliveira Agra e Lúcio Albuquerque: “A interferência da linguagem jornalística na cultura amazônica: a construção de novos sentidos transformando contextos e cenários”. Interferir não quer dizer necessariamente manipular ou determinar.

A grande interrogação é: como se produzem os sentidos? Márcia Pedroso e Pedrinho Guareschi examinam um caso paradigmático: “As representações do preso em “Estação Carandiru”. Ficção e realidade se encontram na descrição e na construção do vivido. Não existe fato bruto. Tudo é elaboração cognitiva. Robéria Nascimento, Edileuza Pena da Silva e Oluzimere Pena da Silva dão outro voo prospectivo em “Sujeito proativo, autonomia e novas tecnologias: desafios na construção do humano na pós-modernidade”. Já Alarcon Agra do Ó, Rosângela Nascimento de Souza, Thaiany da Costa e Vanessa Almeida vão direto ao ponto na análise de um tema crucial e triste: “A violência contra idosos na mídia: uma reflexão sobre a produção dos sentidos”.

Tudo isso e muito mais nesta primeira edição de 2010 da Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia.

## Juremir Machado da Silva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS/RS/BR  
juremir@pucrs.br